

MUSEOLOGIA SOCIAL E PONTOS DE MEMÓRIA: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

Iara Ferreira de Souza¹

Resumo: O Presente artigo reflete sobre algumas experiências de ações museais realizadas por alguns museus comunitários que surgiram a partir do Programa Pontos de Memória do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Os museus foram escolhidos a partir de publicações feitas pelo próprio IBRAM sobre práticas museológicas e de duas dissertações sobre Pontos de Memória. Os museus analisados foram o Cultura Periférica, o do Beiru, do Coque, Taquaril e Terra Firme. O artigo também mostra o quanto híbridos são esses museus e a importância deles para as comunidades nos qual estão inseridos.

Palavras-chave: Museologia Social, Pontos de Memória.

É possível notar nos últimos anos uma crescente valorização do patrimônio, da identidade e da memória de minorias sociais no Brasil. Esse fenômeno é tanto um reflexo de movimentos sociais como de uma política do governo. Nesse sentido, a cultura passa ser uma ferramenta utilizada para dar um novo sentido ao que é cidadania e democracia; passando a ser tratada como algo a ser promovido pelas políticas públicas, cultura passa a ser um direito. Dentro das periferias urbanas, em locais que não necessariamente estão distantes de centro, mas que possuem um histórico de lutas comunitárias, a cultura também tem sido reivindicada como um direito.

É nesse contexto de valorização e busca por direitos culturais que surge o Programa Pontos de Memória, uma ação governamental que busca a valorização da memória social de grupos como: ribeirinhos, indígenas, moradores rurais e de periferias, em que esses moradores podem expor suas memórias, histórias e patrimônio em seus museus. Ele tem como principal objetivo colaborar para o desenvolvimento de uma política pública de direito à memória, com base no Plano Nacional Setorial de Museus e Plano Nacional de Cultura.

Foram desenvolvidos 12 Pontos de Memória no início do programa, os outros foram selecionados a partir de editais. A partir de 2011, foram identificadas mais de 150 comunidades no Brasil e 18 comunidades de brasileiros no exterior que tinham interesse

¹ Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas (PPGAS/UFAL) e bolsista CAPES. E-mail: souzaiara88@gmail.com

em fazer parte do programa. Tais dados mostram a necessidade, o crescimento e a importância dos pontos de memória para as comunidades brasileiras.

Os museus que surgem a partir do Programa Pontos de Memória podem ser considerados como museus comunitários, pois é um museu dirigido pela comunidade no qual ele está inserido e tem um papel de transformador social.

José Gonçalves (2007) aponta que patrimônio é o resultado do ato de colecionar objetos e que é a partir dele que surgem os museus tradicionais. Contudo, hoje estão incluídos na categoria de patrimônio: “lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música dança, culinária, técnicas, etc.” (GONÇALVES, 2007, pág. 111), é o que chamamos de patrimônio imaterial.

Segundo Varine (2005), o museu tradicional é uma instituição que possui obrigatoriamente uma coleção de objetos, um patrimônio material. Porém, com a nova museologia, movimento que questionava o modelo tradicional de museologia, surgiram museus que passaram a também adotar esse “novo tipo” de patrimônio: são os chamados ecomuseus. Para Varine (2005), o patrimônio do ecomuseu, ou museu comunitário, é o capital cultural coletivo da comunidade, cabendo aos responsáveis utilizar esse capital para o desenvolvimento da comunidade.

Segundo Varine (2006), o que é mais repreensível no museu comunitário, aos olhos de alguns museólogos profissionais, é que ele se posiciona como um ator político, “ele mostra convicto e sem complexos sua vocação política, pois quer ser um instrumento de desenvolvimento do território e da participação da comunidade e de seu patrimônio nesse desenvolvimento” (pág.10).

O autor dá alguns exemplos desse desenvolvimento de sua própria experiência. O primeiro é em Le Creusot, na França, em que o desafio era tornar as pessoas mais participantes nas questões da comunidade, e, após alguns anos, o desafio foi desenvolver projetos de capacitação para que os jovens enfrentassem o desemprego; o outro exemplo dado pelo autor foi o de um professor indiano que via na museologia social uma ferramenta para o desenvolvimento de comunidades da Índia através da cultura.

A maneira pela qual os museus do Programa Pontos de Memória buscam o desenvolvimento da comunidade no qual estão instalados é através de ações museais.

Segundo o IBRAM, numa publicação da Organização dos Estados Ibero-americanos (2016) sobre práticas de museologia, ações museais são todas as formas de registro, reconhecimento e valorização da memória. São todas as ações que envolvem a valorização da população local.

Ou seja, ações museais são “as rodas e chás de memória, museus-cortejo, exposições itinerantes, grafites, festivais musicais, saraus, feiras de Gastronomia, campeonatos infantis de pesquisa e história, dentre outras ações diretas e indiretas que envolvem a comunidade na valorização de suas referências culturais, identidades, memórias e tradições locais” (Pág. 29).

Dessa forma, essas ações conectam elas conectam as comunidades, fazendo com que seus moradores reflitam e se apropriem da sua memória. Contudo, cada museu está inserido dentro de um contexto social diferente, sendo assim, suas ações respeitarão o espaço no qual ele está inserido.

Por exemplo, segundo o IBRAM (2016), o Ponto de Memória Museu Cultura Periférica, localizado no bairro do Jacintinho em Maceió/AL, onde resido, buscou congrega “grupos culturais de maracatu, coco de roda, hip-hop, danças afros e contemporâneas, escola de samba, teatro popular, dentre outros movimentos ligados à história, cultura e identidade local” (Pág. 29); ele desenvolveu ações como os chás de memória, um tipo de sarau de contos em que os moradores contam relatos antigos sobre a comunidade; também foram realizaram uma exposição itinerante (Memórias que o vento não levou...); palestras, por exemplo: Museu: a construção do conhecimento na interface do tempo e do espaço; e o projeto “Mirante Cultural: um quilombo chamado Jacintinho”, que consiste na apresentação de grupos culturais e artísticos do bairro no Mirante do bairro do Jacintinho.

Outro exemplo dado pelo IBRAM (2016) são as ações desenvolvidas pelo Ponto de Memória do Beiru, em Salvador/BA. Beiru foi um líder negro Gbeiru (Beiru, em Yorubá), um nigeriano da cidade de Oió, que chegou ao Brasil em 1820 e se destacou na organização do quilombo na região que atualmente é o bairro do Beiru, em Salvador. Esse ponto de memória divulga as histórias de Beiru que são contadas a partir dos próprios moradores, por compreender que a história dele se mistura com a história do

bairro, da cultura e da história afro-brasileira. Esse Ponto de Memória atua junto a instituições educacionais, como escolas e universidades, bem como entidades comunitárias. Nelas são desenvolvidos trabalhos sobre a cultura afro, apresentações de capoeira e a formação do que eles chamam de “galerias vivas”, em que os estudantes apresentam a imagem de mestres da capoeira, falando sobre as histórias e ensinamentos transmitidos por eles; outras ações são Cine Beiru - que consiste na exibição de filmes e documentários – e a Marcha do Beiru – realizada no mês de novembro devido ao dia da consciência negra.

Um último exemplo são as ações do Museu Mangue do Coque, em Recife/PE. Algumas de suas ações são as rodas de memória, nelas os moradores relatam experiências individuais e coletivas vividas no bairro. Algo interessante desenvolvido por esse museu é um fanzine (revista para fãs), nele há informações sobre memória e sobre como as ações contribuem para o desenvolvimento do bairro. A revista é produzida numa linguagem acessível e distribuída pelo próprio museu. Normalmente ela é feita à mão com colagens, montagens e desenhos. O museu também promove exposições temporárias e itinerantes, todas elas fruto de pesquisas realizadas sobre o próprio bairro.

Há tantos outros museus comunitários que foram oficializados pelos pontos de memória e tantas outras ações museais proporcionadas pelo Programa Pontos de Memória; esses museus e essas ações providas por eles são apenas alguns exemplos levantados. Essas ações mostram não só a adaptabilidade dos museus comunitários, mas também a importância da museologia social para as comunidades, sejam elas de periferias, de quilombolas, indígenas, entre outras.

Algo que também pode ser visto através desses exemplos de ações museais é a “hibridez” de tais museus. Bom, todos eles trabalham com a valorização da memória coletiva, ou como diria Candau (2005) da memória compartilhada. Segundo Halbwachs (1990), memória é definida como algo que marca o nosso espírito, sendo formada de lugares, pessoas e eventos. Nesse sentido, os pontos de memória buscam (re)construir a memória partilhada, as experiências vividas coletivamente dentro de um determinado espaço. Contudo, cada museu do programa foi construindo um perfil e adaptando-se às condições nos quais estavam inseridos.

Por exemplo, no caso do Ponto Memória Cultura Periférica, por não possuir uma sede fixa, ele acaba sendo um museu extra muros, sendo assim, suas ações acabam por ocupar espaços públicos, como a própria rua; além disso, o foco acaba recaindo sobre as pessoas, não nos objetos, nas coisas. No caso do Ponto de Memória do Beiru, suas ações também se concentram em espaços que possuem um caráter público, mas não são ao “ar livre”. O que chama atenção nele é como o conhecimento sobre a memória do bairro acaba proporcionando um sentimento de identificação. Memória e Identidade são íntimos nesse museu que a população ainda luta para que o nome do bairro permaneça. No museu do Coque há exposições itinerantes, o foco acaba recaindo um pouco sobre o que Alcântara e Gontijo (2015) chama de “coisas” (objetos muitas vezes doados pela própria população). Além disso, a escrita passa a ter uma função social, pois comunica as bem-feitorias do museu no bairro.

A respeito de outras experiências do Programa Pontos de Memória do IBRAM temos os trabalhos de Luciana Avelar (2015) e Camila Alcântara (2016). Luciana Avelar (2015) investigou o processo de criação e estabelecimento do Ponto de Memória Museu do Taquaril (Belo Horizonte/MG). Em síntese, a autora mostra a relação entre identidade, memória e o espaço urbano, como as lutas dentro/e pelo espaço urbano foram importantes na (re)construção da memória e da identidade da comunidade Taquaril. Nesse trabalho a autora aborda as histórias que o museu guarda sobre o surgimento do bairro. Já o trabalho de Camila Alcântara (2016) descreve os atos, discursos e observações do Conselho Gestor do Ponto de Memória Museu da Terra Firme (Belém/PA) com o objetivo de analisar o processo museológico instaurado no bairro Terra Firme. A autora relata a história do bairro, do museu, e da luta dos moradores por melhores condições no bairro.

Esses trabalhos são importantes, pois mostram o processo de implantação desse Pontos de Memória em periferias. Eles ajudam a compreender como se dá a relação entre as ações museológicas e o movimento comunitário, além de relacionar tudo à questão da memória. Algo que também chama atenção no trabalho de Camila Alcântara (2016) é abordagem sobre os objetos, ou as “coisas”, nas palavras dela. Segundo a autora, no Museu da Terra Firme houve uma valorização do acervo, pois o mesmo foi

composto de coisas doadas pelos próprios moradores, nesse sentido, pode-se dizer que “as coisas” passaram a ser a materialização da memória.

Hugues de Varine (2014) fala de sua experiência a partir da França, segundo ele, o museu de comunidade não é uma instituição acabada, é um ser vivo que está em constante mudança para poder adaptar-se às mudanças que acontecem em seu ambiente. Ele é construído no cotidiano com o auxílio do povo. Ao olhar para a experiência dos museus do Programa Pontos de memória, vemos o quão adaptáveis eles são e de como cumprem a sua vocação de transformador social, seja através de ações museais que estão ligadas diretamente com a valorização de um patrimônio material (como as coisas) ou imaterial (as expressões culturais e a memória).

Quando museus comunitários são criados em bairros periféricos os moradores começam a ser valorizados e passam se sentir mais importantes, estimados e estimulados. Imbuído desses novos sentimentos e valores é que o “homem simples”, como fala José Martins (2008), poderá enxergar oportunidades de desenvolvimento em seu habitat. Conhecendo o seu passado e refletindo sobre o presente, uma comunidade poderá mudar o seu futuro. Nesse sentido, os museus comunitários são importantes, pois eles contribuem para o desenvolvimento de comunidades, principalmente daquelas em situação de vulnerabilidade social e econômica, pois eles contribuem para a construção de uma sociedade mais representativa.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. A cidade, a rua e o princípio da política. In **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

AGIER, Michel. “Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro”. *Mana* vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dec. 2015.

AGIER, Michel. “O que torna a cidade familiar”. In: **Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ALCÂNTARA, Camila de Fátima Simão de Moura. **Ponto de Memória: experiências etnográficas no museu diferente de Terra Firme, Belém-Pa**. Dissertação (Mestrado em Antropologia. UFPA: Belém. 2016.

ALCÂNTARA, Camila de Fátima Simão de Moura; GONTIJO, Fabiano de Souza. **Os Museus, as coisas e as comunidades: Novas Percepções a partir do bairro da Terra**

Firme em Belém, Pará. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, v. 3, n. 1, p. 92-109, nov. 2015.

AVELAR, Luciana Figueiredo. **Museus comunitários no Brasil: o Ponto de Memória Museu do Taquaril.** 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais). FGV: Belo Horizonte. 2015.

CANDAU, Joël. **Antropologia da Memória.** Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. **Antropologia dos Objetos: Coleções, museus e patrimônio.** Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2007.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990 [1950].

_____. Memória coletiva e memória histórica. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990 [1950].

IBRAM. **Pontos de memória: metodologia e práticas em museologia social / Instituto Brasileiro de Museus,** Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura. – Brasília (DF): Phábrica, 2016.

IBRAM. Disponível: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/pontos-de-memoria/> Acesso: Março de 2017

LERSCH, Teresa Morales; OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. **O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história?** Centro INAH Oaxaca, 2008. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/pdf/5.pdf>> Acesso em: Agosto de 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever.** In Revista de Antropologia, São Paulo, 1996.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol 5, n 10, 1992. 2015.

Ponto de Memória Museu Cultura Periférica. Disponível em: <http://museuculturaperiferica.blogspot.com.br/> Acesso: Março de 2017.

VARINE, Hugues de. **“O museu comunitário é herético?”** Jornal Quarteirão -no. 67 – Maio/Junho 2006. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=9> Acesso em: Março de 2017.

_____. **O museu comunitário como processo continuado.** Cadernos do CEOM- Ano 27, n. 41 - Museologia Social. Disponível em:

<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2595> Acesso em:
Março de 2017.

VIAL, Andréa Dias. **Patrimônio integrado e a prática museológica**. 2015. Tese de Doutorado, USP: São Paulo.2015.